



DIÁRIO

da Assembleia da República

I LEGISLATURA

1.ª SESSÃO LEGISLATIVA

SESSÃO DE 29 DE NOVEMBRO

(Visita de S. Ex.ª o Presidente da República da Venezuela)

Presidente: Ex.º Sr. Vasco da Gama Fernandes

Secretários: Ex.ºs Srs. Alberto Augusto Martins da Silva Andrade
Amélia Cavaleiro Monteiro de Andrade de Azevedo
Maria José Paulo Sampaio
José Manuel Maia Nunes de Almeida

O Sr. **Presidente**: — Vai proceder-se à chamada.
Eram 16 horas e 30 minutos.

Fez-se a chamada, à qual responderam os seguintes Srs. Deputados:

Partido Socialista (PS)

Adelino Teixeira de Carvalho.
Agostinho Martins do Vale.
Albano Pereira da Cunha Pina.
Alberto Augusto Martins da Silva Andrade.
Alcides Strecht Monteiro.
Alfredo Fernando de Carvalho.
Alfredo Pinto da Silva.
Alvaro Monteiro.
António Barros dos Santos.
António Cândido Miranda Macedo.
António Chaves Medeiros.
António Duarte Arnaut.
António Jorge Moreira Portugal.
António Jorge Oliveira Aires Rodrigues.
António José Pinheiro Silva.
António Magalhães da Silva.
António Manuel de Oliveira Guterres.
António Riço Calado.
Aquilino Ribeiro Machado.
Avelino Ferreira Loureiro Zenha.
Beatriz Almeida Cal Brandão.
Benjamim Nunes Leitão Carvalho.
Bento Elísio de Azevedo.

Carlos Alberto Andrade Neves.
Carlos Cardoso Lage.
Carlos Jorge Ramalho dos Santos Ferreira.
Carlos Manuel da Costa Moreira.
Carmelinda Maria dos Santos Pereira.
Eurico Manuel das Neves Henriques Mendes.
Fernando Jaime Pereira de Almeida.
Fernando Reis Luís.
Fernando Tavares Loureiro.
Fernando Luís de Almeida Torres Marinho.
Florêncio Joaquim Quintas Matias.
Florival da Silva Nobre.
Francisco António Marcos Barracosa.
Francisco de Assis de Mendonça Lino Neto.
Francisco Alberto Pereira Ganhitas.
Francisco do Patrocínio Martins.
Francisco Soares Mesquita Machado.
Gualter Viriato Nunes Basílio.
Herculano Rodrigues Pires.
João Francisco Ludovico da Costa.
João Joaquim Gomes.
João da Silva.
Joaquim Oliveira Rodrigues.
José Alberto Menano Cardoso do Amaral.
Jorge Augusto Barroso Coutinho.
José Borges Nunes.
José Cândido Rodrigues Pimenta.
José Ferreira Dionísio.
José Justiniano Tabuada Brás Pinto.
José Manuel Niza Antunes Mendes.
José de Melo Torres Campos.

José dos Santos Francisco Vidal.
 Ludovina Rosado.
 Luís Manuel Cidade Pereira de Moura.
 Manuel Augusto de Jesus Lima.
 Manuel Barroso Proença.
 Manuel Francisco Costa.
 Manuel Joaquim Paiva Pereira Pires.
 Manuel Lencastre Meneses de Sousa Figueiredo.
 Manuel da Mata de Cáceres.
 Manuel Pereira Dias.
 Maria Alzira Costa de Castro Cardoso Lemos.
 Maria Emília de Melo Moreira da Silva.
 Maria Margarida Ramos de Carvalho.
 Mário Manuel Cal Brandão.
 Nuno Maria Monteiro Godinho de Matos.
 Raúl d'Assunção Pimenta Rêgo.
 Reinaldo Jorge Vital Rodrigues.
 Rodolfo Alexandrino Suzano Crespo.
 Sérgio Augusto Nunes Simões.
 Telmo Ferreira Neto.
 Teófilo Carvalho dos Santos.
 Vasco da Gama Lopes Fernandes.
 Victor Manuel Ribeiro Fernandes de Almeida.
 Vítor Manuel Ribeiro Constâncio.

Partido Social-Democrata (PSD)

Afonso de Sousa Freire de Moura Guedes.
 Amândio Anes de Azevedo.
 Amantino Marques Pereira de Lemos.
 Amélia Cavaleiro Monteiro de Andrade de Azevedo.
 Anatólio Manuel dos Santos Vasconcelos.
 António Egídio Fernandes Loja.
 António Joaquim Bastos Marques Mendes.
 António Joaquim Veríssimo.
 António Jorge Duarte Rebelo de Sousa.
 António Júlio Simões de Aguiar.
 António Luciano Pacheco de Sousa Franco.
 António Moreira Barbosa de Melo.
 António Moreira da Silva.
 Armando António Correia.
 Arnaldo Ângelo de Brito Lhamas.
 Artur Videira Pinto da Cunha Leal.
 Cristóvão Guerreiro Norte.
 Eduardo José Vieira.
 Fernando Adriano Pinto.
 Fernando José Sequeira Roriz.
 Fernando José da Costa.
 Francisco Barbosa da Costa.
 Francisco Braga Barroso.
 Francisco da Costa Lopes Oliveira.
 Francisco Manuel Lumbrals de Sá Carneiro.
 Gabriel Ribeiro da Frada.
 Henrique Manuel de Pontes Leça.
 João António Martelo de Oliveira.
 João Gabriel Socio de Carvalho.
 João Lucílio Cacula Leitão.
 João Manuel Ferreira.
 Joaquim Jorge de Magalhães Saraiva da Mota.
 José Alberto Ribeiro.
 José Alves da Cunha.
 José Ângelo Ferreira Correia.
 José António Nunes Furtado Fernandes.
 José Bento Gonçalves.
 José Gonçalves Sapinho.
 José Joaquim Lima Monteiro Andrade.
 José Júlio Carvalho Ribeiro.
 José Manuel Meneses Sampaio Pimentel.

José Manuel Ribeiro Sérvulo Correia.
 José Rui Sousa Fernandes.
 José Theodoro de Jesus da Silva.
 Júlio Maria Alves da Silva.
 Luís Fernando Cardoso Nandim de Carvalho.
 Manuel Cardoso Vilhena de Carvalho.
 Manuel da Costa Andrade.
 Manuel Cunha Rodrigues.
 Manuel Henriques Pires Fontoura.
 Manuel Sérgio Garcia Vila-Lobos Meneses.
 Maria Élia Brito Câmara.
 Nuno Aires Rodrigues dos Santos.
 Rúben José de Almeida Martins Raposo.
 Rui Manuel Parente Chancerelle de Machete.
 Sebastião Dias Marques.
 Victor Hugo Mendes dos Santos.

Centro Democrático Social (CDS)

Alexandre Correia de Carvalho Reigoto.
 Ângelo Alberto Ribas da Silva Vieira.
 António Simões da Costa.
 Basílio Adolfo de Mendonça Horta da Franca.
 Carlos Martins Robalo.
 Eugénio Maria Nunes Anacoreta Correia.
 Francisco Manuel Farromba Vilela.
 Henrique José Cardoso de Meneses Pereira de Morais.
 João Carlos Filomeno Malhó da Fonseca.
 João Gomes de Abreu de Lima.
 João José Magalhães Ferreira Pulido de Almeida.
 João Lopes Porto.
 José Cunha Simões.
 José Luís Rebocho de Albuquerque Christo.
 José Manuel Cabral Fernandes.
 José Manuel Macedo Pereira.
 José Vicente de Jesus de Carvalho Cardoso.
 Luís Esteves Ramires.
 Manuel António de Almeida de Azevedo e Vasconcelos.
 Maria José Paulo Sampaio.
 Narana Sinai Coissoró.
 Nuno Krus Abecasis.
 Rui Eduardo Ferreira Rodrigues Pena.
 Ruy Garcia de Oliveira.
 Vítor Afonso Pinto da Cruz.
 Vítor António Augusto Nunes de Sá Machado.
 Walter Francisco Burmester Cudell.

Partido Comunista Português (PCP)

Álvaro Augusto Veiga de Oliveira.
 António Luís Mendonça de Freitas Monteiro.
 António Marques Matos Zuzarte.
 António Marques Pedrosa.
 Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas.
 Carlos Alfredo de Brito.
 Carlos Hahnemann Saavedra de Aboim Inglês.
 Ercília Carreira Pimenta Talhadas.
 Fernanda Peleja Patrício.
 Fernando de Almeida Sousa Marques.
 Francisco Miguel Duarte.
 Hermenegilda Rosa Camolas Pacheco Pereira.
 José Manuel da Costa Carreira Marques.
 José Manuel Maia Nunes de Almeida.
 José Manuel de Paiva Jara.
 José Rodrigues Vitoriano.
 Lino Carvalho de Lima.

Manuel Duarte Gomes.
 Manuel Gonçalves.
 Manuel Mendes Nobre de Gusmão.
 Manuel Pereira Franco.
 Maria Alda Barbosa Nogueira.
 Nicolau de Ascensão Madeira Dias Ferreira
 Raúl Luís Rodrigues.
 Severiano Pedro Falcão.
 Victor Henrique Louro de Sá.
 Zita Maria de Seabra Roseiro.

União Democrática Popular (UDP)

Acácio Manuel de Frias Barreiros.

O Sr. **Presidente**: — Estão presentes 190 Srs. Deputados.

Temos quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

Eram 16 horas e 50 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Vou, em seguida, suspender a sessão para irmos receber o Sr. Presidente da República da Venezuela, Carlos Andrés Pérez.

Peço aos representantes já escolhidos dos grupos parlamentares o favor de se encontrarem à porta do Palácio às 17 horas e 30 minutos. Os restantes Srs. Deputados ocuparão os seus lugares no hemisfério até às 17 horas e 50 minutos.

Está suspensa a sessão.

Às 18 horas entrou na Sala das Sessões o cortejo em que se integravam o Sr. Presidente da República da Venezuela, o Sr. Presidente da Assembleia da República, os Secretários da Mesa, os membros da Casa Militar do Presidente da República da Venezuela, o Secretário-Geral da Assembleia da República, o chefe, o adjunto e os secretários do Protocolo.

Na Sala encontravam-se já, especialmente convidados, o Primeiro-Ministro, o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, membros do Conselho da Revolução, os Ministros e os presidentes dos Tribunais da Relação.

Ao passar junto da tribuna do corpo diplomático, o Sr. Presidente da República da Venezuela saudou-o com uma vénia.

Formada a Mesa, o Sr. Presidente da República da Venezuela ocupou o lugar à direita do Sr. Presidente da Assembleia da República.

Nesse momento os Srs. Deputados e a assistência tributaram uma calorosa salva de palmas ao Sr. Presidente da República da Venezuela.

Seguidamente, a Banda da Guarda Nacional Republicana, colocada junto aos Passos Perdidos, executou os hinos nacionais dos dois países, primeiro o da Venezuela e depois o de Portugal.

O Sr. **Presidente**: — Está reaberta a sessão.

Eram 18 horas e 10 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Presidente da República da Venezuela; Sr. Primeiro-Ministro; Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça; Srs. Ministros; Srs. Conselheiros da Revolução; ilustres convidados; Srs. Deputados; minhas senhoras e meus senhores: Suponho não exagerar, Sr. Presidente da República da Venezuela, ao afirmar a V. Ex.^a que a presença do mais

Alto Magistrado da Nação Venezuelana está a ser acompanhado com o mais vivo interesse por todos os responsáveis deste país e pelo seu povo e, do mesmo modo, com natural exaltação, as dezenas de milhares de portugueses que encontraram na Venezuela a pátria fraterna que os acolheu e onde trabalham pela forma exemplar por todos reconhecida.

Pertencemos, Sr. Presidente, a uma grande comunidade latina e peninsular. Corre-nos nas veias o mesmo sangue, temos atrás de nós uma igual história, e foi com esse sangue, com muito suor e muitas lágrimas, que construímos novos mundos e os entregamos à contemplação da eternidade.

Da mesma forma que, descobertas as terras das Américas, forjámos nós, os Portugueses, a grande comunidade brasileira, a Espanha projectou o seu génio e a sua voluntariedade erguendo outras comunidades, entre as quais se destaca o país promissor, e já hoje uma realidade concreta, que é a Venezuela. A semelhança do que sucedeu com o Brasil, novos povos e novas gentes acabaram por se inserir no complexo originário, transformando as terras descobertas ou conquistadas em autênticas universalidades, pois que, na verdade, Sr. Presidente, grande é a universalidade a cujos destinos V. Ex.^a preside com altos méritos e extraordinária força de ânimo.

A semelhança do que me sucedera quando pisei pela primeira vez as terras de Santa Cruz, uma grande emoção tomou conta de mim ao desembarcar em La Guaira e ao subir, deslumbrado, pela estrada que me conduziu a essa Caracas tentacular, que é por si só a definição do valor de uma raça, sem a qual o destino do próprio mundo se frustraria. Aportava assim à Venezuela depois da travessia do longo mar peninsular, aquele mesmo mar cujos segredos profundos foram trazidos à poesia pela inspiração de Fernando Pessoa.

O que eu via perante os meus olhos era o palpitar de um coração que, embora agarrado às raízes da velha casa, jamais poderia esquecer toda a Ibéria que, firme na independência de duas nações, se lançara na bela aventura de doar aos outros todo o nosso amor e todas as nossas ansiedades. Rodeava-me a atmosfera surpreendente de um país novo, generoso e bom, que soube captar os valores pretéritos e soube equacionar e concretizar os grandes valores do futuro.

A língua que me chegava aos ouvidos era o castelhano tão nosso familiar, numa mescla harmoniosa com o português que nós falamos e com outras línguas menos decisivas. Por mim passavam homens escuros, homens morenos, homens louros, homens brancos, como que se aquela terra tivesse sido o lar da própria humanidade caribe.

Independentemente da beleza circundante de uma civilização semitropical, os planaltos, as montanhas desafiando o céu, as longas praias de beleza ímpar, as flores e os frutos, a que se juntavam discretamente o cheiro a petróleo, latejando nas entranhas e afogando-se nas superfícies, a Venezuela configurava-se-me como uma potência de primeira grandeza, onde tudo cabia: as metrópoles, as lembranças frustradas do colonialismo, as fábricas e as oficinas, a trepidação das ruas e das praças, o «brouhaha» próprio dos mundos que revelam a grandeza industrial, agrícola e marítima de um continente portentoso que jamais se poderá esquecer.

A pouco e pouco, e particularmente em Caracas, a Pátria Venezuelana tomava conta de mim, estonteado e perplexo, e num reflexo da consciência e da própria inteligência se fixaria para sempre a imagem de uma comunidade voluntariosa, plena de juventude, dinâmica e frutuosa. O orgulho da raça comum apoderava-se da minha sensibilidade. Riquezas sem igualha no subsolo e à vista de todos convenciam desde logo que se a terra fora pródiga, mais pródigos foram os homens que a modelaram, primeiro com o sangue de Bolívar e dos seus companheiros da aventura e depois, restabelecida a paz e consolidada a independência, a visão genial dos responsáveis, o trabalho, o incansável trabalho das gerações subsequentes, aqui já com a presença da tal universalidade que haveria de oferecer ao mundo inteiro o resultado heróico da perseverança, a que se juntava a coragem dos soldados e a própria imaginação dos poetas e dos artistas.

Não há dúvida, Sr. Presidente, que não há cepticismos ou pessimismos das vidas frustradas ou dos contratempos da História que não desapareçam quando um peninsular, e neste caso um português, se insere na multifacetada paisagem humana, material e espiritual de uma grande Nação como é a Venezuela. E sempre que o tal cepticismo ou pessimismo nos perturbe o espírito da crítica, vale a pena tocar com os pés nessas terras privilegiadas, mas cujo maior privilégio foi terem sido descobertas por nós e de nelas implantarmos as nossas virtudes e os nossos defeitos, mais virtudes do que defeitos, porque estes constituiriam por vezes as nossas horas de decepção e de abatimento.

Se a Venezuela, como a Colômbia, como o México, exemplificadamente, herdaram os pressupostos da Espanha Imperial e se o Brasil recolheu com os seus bandeirantes os resíduos da nossa presença no Mundo, mais importante é que todos eles, com mais ou menos esforço, mais ou menos sacrifício ou mais ou menos heroísmo, com igual determinação, souberam caldear, transformar e projectar os frutos da mesma civilização que, uma vez sazoados, ou revelados, formaram a substância do universo moderno, anunciando os percursos da história comum, mas integrando-se nas tarefas da modernidade de tal forma que parece que a própria história se continua a escrever sem parança, como se não estancassem os ímpetus da criação.

Para os homens da compleição de Friedman, e para usar uma sua expressão, poderia dizer que «falar da América Latina depois de nela passar três meses é uma empresa temerária». Que direi eu então que só lá passei pouco mais de quinze dias... Vou-me dar ao luxo de discordar de asserto de Friedman porque, no caso concreto da Venezuela, ou melhor as virtualidades da consciencialização venezuelana, é problema que entra pelos olhos e basta um rápido bosquejo da sua história para entrarmos confiantes na defrontação da sua temática.

A história vertiginosa de uma entidade política e sociológica como é a Venezuela não componta nem estudos complexos nem procuras obsidianas. Toda a América Latina sofreu e ainda sofre as consequências do negocismo, essa peste tão exemplarmente causticada pelo sempre saudoso António Sérgio, mas essa peste é o pão de cada dia da maior parte do Mundo que ainda não encontrou a concretização das prementes ansiedades,

O que importa é reconhecer que toda a luta do povo venezuelano, cujas raízes democráticas se espelham além do mais na plurirraciedade, teve sempre como objectivo a libertação, a pesquisa da riqueza e a sua colocação ao serviço dos trabalhadores.

Sem dúvida que Hector Malave Mata tem razão ao fustigar nas suas «Estruturas de integração» «uma Venezuela de dilacerante problemática invisível ligada pelo cordão geográfico à Venezuela opulenta» «e que há milhares de venezuelanos marginalizados da cultura constituindo uma subtracção de forças para evolução nacional».

Igualmente se compreende o escrito de Domingo Alberto Rangel, quando igualmente fustiga «o empobrecimento no meio da abundância oriental», «procurando o caminho da libertação nacional para a edificação de um país próspero e justo».

Mas, Sr. Presidente, quem é, neste mundo em que vivemos, europeus, americanos, asiáticos ou africanos, que não lute para que a terra «constitua para o homem que a trabalha base da sua estabilidade económica, fundamento do seu progressivo bem-estar, e garantia da sua liberdade e dignidade?» É a velha luta dos contrastes, contra os quais se revolta a Constituição Socialista da República Portuguesa. É enorme tarefa que se impõe a todas as consciências, expressa muitas vezes no crepitar tropical dos debates em ordem a estabelecer o equilíbrio da justiça social e da liberdade comprometida.

Mas a experiência venezuelana demonstra à sociedade que o destino do homem é a luta constante para a rectificação dos erros e para a construção do futuro, mas os contrastes não se vencem de jacto, embora se equacionem persistentemente.

Quando nos lembramos da Reforma Agrária de 1960, em que se propugna «a incorporação da população rural no desenvolvimento económico, social e político da Nação» «a equitativa distribuição da terra, sua exploração e posse», mediante a substituição do sistema de latifundiários por um sistema justo de propriedades; quando se concretiza a nacionalização do petróleo, como aconteceu triunfalmente em dias bem recentes, e quando nos recordamos das reformas da instrução pública do Ministro Leandro Mora, fatalmente em progresso aliciante — então, Sr. Presidente, não há dúvida de que a Venezuela persiste em não se demitir, não se deixar vencer e procura com alvoroço o abandono das formas ultrapassadas para se perfilar com virilidade como entidade moral, política e tocada pelo sortilégio da modernidade.

Foi em nome dessa modernidade, Sr. Presidente, que os portugueses construíram o 25 de Abril, e é em nome dessa mesma modernidade que o Presidente da Venezuela, hoje nosso hóspede fraterno, se lançou na inovação da sociedade. A já referida universalidade reflecte-se no ecumenismo das relações internacionais, na defesa intransigente de um complexo pluralista com a liberdade de imprensa e uma oposição séria, a diversificação da economia voltada para os assuntos regionais, para o desenvolvimento industrial a caminho do milagre económico e na reforma da agricultura, na formação de técnicos no interior e no estrangeiro — portentosa obra na rectificação de erros e um avanço corajoso cujos benefícios não se situam só na Venezuela, mas se projectam em toda a América Latina.

O jovem presidente da República da Venezuela mantém intactos os ideais que fizeram dele aos 16 anos um activista desassombrado, que o levou ao Parlamento aos 22 anos e ali se comportou com notável galhardia. Já era nesses tempos o homem que, à semelhança de Bolívar, quis comunicar um sentido à existência colectiva, para recordarmos do que a respeito do libertador escreveu Salcedo-Bastardo.

A mesma juventude que o levou ao cárcere durante a ditadura de Pérez-Jiménez e pôs em perigo a sua vida no longo exílio de Cuba e Costa Rica — essa mesma juventude coloca Carlos Andrés Pérez ao serviço da sua Pátria e de parte do continente em que ela está inserida.

É afinal o drama do nosso tempo, a luta sem tréguas contra o negociismo, o alvoroço das novas ideias e das novas iniciativas de independência económica, que formam a substância de todos nós.

Sr. Presidente, também eu sofri os cárceres da ditadura e as nostalgias do exílio. É possível que a minha vida estivesse muitas vezes em perigo e pode ainda estar, mas será com a força interior do nosso proselitismo e dos nossos sacrifícios que se constituirá a nova Humanidade, a Humanidade dos homens livres, livres na sua cidadania, libertos do medo e da opressão, debruçados sobre a terra que nos viu nascer, para dela arrancar os instrumentos da salvação.

Sr. Presidente: Curvo-me, comovidamente, perante os homens e as mulheres que souberam morrer por uma Venezuela democrática e progressiva, recordando a estátua de Bolívar desafiando a eternidade.

Do mesmo modo evoco a presença dos obreiros que não desistem de ser dignos na gesta admirável de recuperação, e suponho poder falar em nome do povo português agradecendo a fraternidade com que são envolvidos os portugueses que escolheram a Venezuela como uma segunda pátria. E em nome da Assembleia da República transmito a V. Ex.^a, ao povo venezuelano e aos seus representantes parlamentares a viva expressão da nossa amizade e da nossa solidariedade.

V. Ex.^a, Sr. Presidente, encontra-se num país que procura os novos rumos para a sua felicidade.

Desejo à Venezuela iguais felicidades e apresento a V. Ex.^a e a sua esposa, minha senhora, e mais seus familiares presentes as mais respeitadas homenagens, fazendo votos para que as duas pátrias se cruzem nas mesmas coordenadas de democracia política, económica e cultural.

Aplausos gerais, com os Srs. Deputados e toda a assistência de pé

O Sr. Presidente da República da Venezuela: — Señor Presidente, Señores Diputados del Parlamento de la República de Portugal: Es un honor el que se me ha conferido al invitarseme al seno de esta Asamblea que representa, autenticamente, al pueblo de Portugal.

Siento una inmensa satisfacción al poder decirle, a la representación legítima desta gran Nación, que Venezuela es también una patria democrática que ha luchado largamente por su libertad, por su independencia, por su soberanía, que los venezolanos sabemos cual es el precio de la libertad, que la hemos ganado a lo largo de una lucha que se prolonga durante toda la existencia de nuestra República, que sufrimos, como

Portugal, autocracias y dictaduras largas, crueles, que pretendieron inmovilizar a nuestro pueblo y que en reiteradas oportunidades dejaron su dignidad. Pero hoy, como esta República Ibérica, los venezolanos estamos todos unidos en la defensa de un sistema de libertades, en hacer de la democracia una auténtica vivencia nacional.

Todos los partidos políticos, todas las ideologías tienen tribuna en las plazas públicas de Venezuela y los partidos más importantes tienen representación en el Congreso Nacional, porque optamos, como ustedes, por el sistema de la representación proporcional. Y entendemos que la democracia sólo cobra vigor y autenticidad cuando se dá abierta posibilidad a la controversia de las ideas. Y que es allí también donde se enriquece la lucha del pueblo por su libertad y por su bienestar. Es en la síntesis de las ideas contrapuestas, es en el respecto a los credos que no profesamos donde se fortalece nuestro sistema y donde podemos encontrar la fé que haga de la democracia en nuestros pueblos una verdad perdurable que no siga sometida, como en el pasado de Venezuela o de Portugal, a las vicisitudes de caudillos o de hombres ambiciosos. Y por todas estas razones yo digo, en este sagrado recinto de la soberanía del pueblo de Portugal, que vemos con alegría y con optimismo el vigor con que se está levantando de su postración la democracia de Portugal.

Tenemos un interés por todo lo que sucede en el mundo. Somos, através de la historia, un pueblo con vocación universalista. Pero la Península Ibérica ocupa un lugar preeminente en la vida, en los afanes y en el cariño de los venezolanos y de toda la América Latina. Porque aquí, en esta Península, nació nuestro ser, allá en los tiempos remotos de los colonizadores hispánicos y de los marineros portugueses.

Allá, en nuestra América, hay una gran patria que habla vuestro lenguaje y que fué el fruto de la acción audaz de los marineros portugueses. Y esa nación, que forma parte de la Comunidad Latino-Americana, se hermana con las otras que hablamos la lengua castellana.

Y hoy, todas juntas — puedo expresar, a plena conciencia, esta verdad — miramos con anhelante interés el fortalecimiento de la democracia en Portugal y el nacimiento de la democracia en España. Porque pensamos que la integración latinoamericana no podrá ser completa, no podrá ser vigorosa, no podrá tener una voz clara y firme en el concierto de las naciones y en la toma de las grandes decisiones si no llega hasta la Península Ibérica. El destino de nuestros pueblos es uno, es indivisible. La etapa durante la cual nuestros pueblos permanecieron alejados es porque quienes ejercían la posibilidad y el derecho a la comunicación no representaban los sentimientos de nuestras naciones.

Hoy, la voz de Portugal se oye clara, inequívoca, segura, en nuestra patria venezolana.

Bien es verdad que no podemos ofrecer hoy, en nuestra América Latina, una visión unívoca, clara, de cada una de nuestras pátrias, que todavía, en algunas de ellas, los Gobiernos no representan a sus pueblos. Pero en esos pueblos se encuentra firme su vocación democrática. En esos pueblos sólo hay un ocaso de su libertad, como la hemos vivido venezolanos y portugueses.

Y en la medida en que la voz democrática de países de América Latina y de Portugal y de España se levante, esa voz tendrá ojos en las pátrias nuestras que aún sufren el despotismo. Y si mantenemos dentro de nuestra región una actitud y una conducta pluralista, sin entrar a juzgar las características de los regímenes, es porque estamos empeñados en procurar resolver los problemas de la integración para fortalecer nuestras economías, porque ha sido en la inestabilidad económica donde se ha refugiado la acción caudillista y la prepotencia autocrática en los países de nuestra región.

Hemos sido tradicionalmente explotados por las naciones poderosas. Nuestras materias primas, nuestros productos básicos, el trabajo de nuestros pueblos han servido para dar bienestar en otras naciones o para acrecentar las riquezas de las empresas transnacionales y de los países que están tras de esas empresas transnacionales.

Hoy en día la América Latina está integrada dentro del Tercero Mundo. Hablamos con una sola voz y estamos dando una lucha frontal por la creación de un nuevo orden económico internacional que se fundamente en la equidad, en la equivalencia y en el equilibrio, en los términos de intercambio.

Y a propósito de esa circunstancia, debo hablar de la organización de países exportadores de petróleo, ante los representantes del pueblo portugués. Somos miembros de la OPEP. La OPEP no es un *trust* monopolístico que quiera repetir las aventuras de los monopolios transnacionales, no es una organización que propenda egoístamente a enriquecer a sus países miembros por la fortuita circunstancia de que la Naturaleza les entregó los más grandes depósitos energéticos que el mundo requiere. La OPEP, Señores Diputados de Portugal, significa sencillamente la única capacidad de poder y de decisión que está en manos de los países del Tercero Mundo. Cuando ha subido el precio del petróleo pensamos en lo que puede significar ese aumento del costo de la energía en los países en desarrollo, en los países pobres. Pero lo hacemos porque queremos decirles, a las grandes naciones industrializadas, que tenemos derecho a pedir, a solicitar el que se mantenga dentro de ciertos niveles el poder adquisitivo de nuestros productos básicos, de nuestras materias primas. Y ya estamos en París, en la Conferencia Norte-Sur, planteando a las grandes naciones que no creemos que lo conveniente para la economía mundial sea esta escalada de precios, pero que entonces debe establecerse una relación justa entre los precios de lo que exportamos los países en desarrollo y los precios de lo que importamos, que el mundo no puede seguir dividido entre países explotados y países explotadores.

Tenemos optimismo, tenemos fé y creemos que el petróleo nos ha servido de instrumento de negociación y que sólo así entenderán las naciones que egoístamente han visto al resto del mundo que es necesario un entendimiento y que ya no están en capacidad de manipular las economías de los pueblos débiles, porque está quedando demostrado que ningún pueblo, ninguna nación, por poderosa que sea, podía hacer, como en el pasado, lo que le venga en gana con las naciones pequeñas, con las naciones débiles. Al principio de la coexistencia pacífica, que fué el camino que encontraron las naciones después de la Segunda Guerra Mundial para entenderse, hoy se incorpora el de la

interdependencia, pero no como una forma de dependencia, sino como una relación fundamentada en la justicia internacional. Ninguna gran nación, ni la Unión Soviética ni los Estados Unidos de Norteamérica pueden pretender que su inmenso mundo les es suficiente y tienen que entender que no sólo requieren de las demás naciones, sino que se está imponiendo un nuevo concepto de la solidaridad y de la confraternidad universales.

Aplausos gerais.

Este es el aporte que las naciones del Tercero Mundo estamos haciendo a la Humanidad.

Por primera vez un Presidente de Venezuela viene a Europa. Los más largos viajes de los Presidentes venezolanos terminaban en Washington. Hoy el Presidente de Venezuela ha ido hasta la Unión Soviética, para expresar, en primero lugar, nuestro repudio a la política de bloques, nuestro concepto sobre la indivisibilidad de la solidaridad internacional y de la responsabilidad planetaria de todas las grandes naciones para atender a los problemas que confronta la Humanidad, y también para significar la independencia de nuestra política internacional, que tiene un puesto bien definido en el mundo de hoy, pero que entiende que no pueden ser los intereses de las grandes potencias los que deciden nuestro rumbo, sino que nuestra palabra tiene también que ser oída hoy en el mismo plano de igualdad.

Aplausos gerais.

Señor Presidente, Señores Diputados: Yo les hablo en nombre de todo lo pueblo venezolano, en nombre de todas sus organizaciones políticas. La comunidad nacional venezolana está integrada en una sola voluntad. La controversia ideológica es permanente, pero ella no debilita nuestra unidad, sino que la fortalece y la enriquece.

Nuestro Parlamento está integrado, como este ante el cual tengo el gran honor de hablar, por una legítima representación del país donde están presentes, como aquí, todas las ideologías. Esta es la grandeza del sistema democrático e este es el reto de la democracia: poder convivir con todas las organizaciones políticas, aún con las que no quieren la democracia representativa.

Aplausos gerais.

Señor Presidente, he oído con atención su hermoso y cordial discurso. Nuestras lenguas no son tan diferentes, y además más allá de la palabra está el espíritu con que la pronunciamos y está el corazón con el cual la sentimos. Y yo he sentido en sus palabras el cariño fraternal de Portugal para Venezuela y las mías traen el fraternal cariño y todos los mejores deseos para la gran Nación Portuguesa.

Muchas gracias, Señores.

Aplausos gerais e prolongados, com a Assembleia e toda a assistência de pé.

O Sr. **Presidente:** — Está encerrada a sessão.

A banda da Guarda Nacional Republicana executou de novo os hinos nacionais dos dois países, primeiro o da Venezuela e depois o de Portugal, que os Srs. Depu-

tados e a assistência sublinharam no final com prolongados aplausos.

Organizou-se então o cortejo de saída, composto pelas mesmas individualidades, tendo o Sr. Presidente da República da Venezuela saudado de novo, com uma vénia, o Corpo Diplomático presente, quando passou junto da respectiva tribuna.

Eram 18 horas e 45 minutos.

Deputados que entraram durante a sessão:

Partido Socialista (PS)

António Fernando Marques Ribeiro Reis.
António José Sanches Esteves.
Delmiro Manuel de Sousa Carreira.
Edmundo Pedro.
Francisco de Almeida Salgado Zenha.
Francisco Igrejas Cacião.
Herlânder dos Santos Estrela.
Jerónimo Silva Pereira.
Manuel do Carmo Mendes.
Manuel João Cristino.
Maria de Jesus Simões Barroso Soares.
Maria Teresa Vieira Bastos Ramos Ambrósio.

Partido Social-Democrata (PSD)

Carlos Alberto Coelho de Sousa.
José Augusto Almeida de Oliveira Baptista.
Maria Helena do Rêgo da Costa Salema Roseta.
Mário Fernando de Campos Pinto.
Mário Júlio Montalvão Machado.
Nicolau Gregório de Freitas.
Pedro Manuel Cruz Roseta.

Centro Democrático Social (CDS)

Adelino Manuel Lopes Amaro da Costa.
António Jacinto Martins Canaverde.
Diogo Pinto de Freitas do Amaral.
Emídio Ferrão da Costa Pinheiro.
João da Silva Mendes.
José Duarte de Almeida Ribeiro e Castro.

Partido Comunista Português (PCP)

Américo Lázaro Leal.
Custódio Jacinto Gingão.
Jaime dos Santos Serra.
Jerónimo Carvalho de Sousa.
Manuel do Rosário Moita.
Vital Martins Moreira.
Victor Manuel Benito da Silva.

Deputados que faltaram à sessão:

Partido Socialista (PS)

Alberto Arons Braga de Carvalho.
António Alberto Monteiro de Aguiar.
António Fernandes da Fonseca.
António Poppe Lopes Cardoso.
Armando dos Santos Lopes.
Carlos Manuel Natividade da Costa Candal.
Etelvina Lopes de Almeida.
Jaime José Matos da Gama.
Joaquim José Catanho de Meneses.
Joaquim Sousa Gomes Carneiro.
José Gomes Fernandes.
José Luís do Amaral Nunes.
José Maria Parente Mendes Godinho.
José Maximiano de Albuquerque de Almeida Leitão.
Luís Abílio da Conceição Cacito.
Mário António da Mota Mesquita.
Rui Paulo do Vale Valadares.

Partido Social-Democrata (PSD)

Alvaro Barros Marques de Figueiredo.
Américo Natalino Pereira de Viveiros.
Américo de Sequeira.
António Augusto Lacerda de Queiroz.
António Júlio Correia Teixeira da Silva.
Arcanjo Nunes Luís.
José Adriano Gago Vitorino.
Manuel Joaquim Moreira Moutinho.
Olívio da Silva França.

Centro Democrático Social (CDS)

Alcino Cardoso.
Alvaro Dias de Sousa Ribeiro.
Carlos Alberto Faria de Almeida.
Carlos Galvão de Melo.
Emílio Leitão Paulo.
Francisco António Lucas Pires.
Francisco Manuel Lopes Vieira de Oliveira Dias.
Luís Aníbal de Sá de Azevedo Coutinho.
Rui Fausto Fernandes Marrana.

Partido Comunista Português (PCP)

António Dias Lourenço da Silva.
Domingos Abrantes Ferreira.
Georgete de Oliveira Ferreira.
Joaquim Gomes dos Santos.
José Pedro Correia Soares.
Octávio Floriano Rodrigues Pato.

O CHEFE DOS SERVIÇOS DE REDACÇÃO, *Januário Pinto.*

PREÇO DESTE NÚMERO 4\$00

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA